

Introdução

ESPAÇOS LITERÁRIOS E TERRITÓRIOS CRÍTICOS: geopoética e geocrítica na transposição das fronteiras do conhecimento

O espaço une. Pelo menos tanto quanto o tempo divide. E no entanto, apesar desta aparente oposição, é difícil distingui-los. A nossa mente não concebe um sem o outro, apoia-se num para perceber o outro. E por isso segmenta territórios: locais, paisagens, espaços. E une momentos: da perceção do momento à da memória, da realidade à ficção.

Uma das mais recentes questionações do «real», identificada como «spatial turn», confirma, ainda neste aspeto, as repetidas aproximações científicas às noções de tempo e espaço. Não por acaso a teoria da relatividade interessou escritores como Proust ou filósofos como Leonardo Coimbra: o tempo é, desde então, a quarta dimensão do espaço. Mas numa época em que as formas de representação do mundo substituem cada vez mais o contacto sensorial com o mundo – a ponto de lhe servirem de prova –, vemo-nos na necessidade de refletir ainda sobre o complexo relacionamento entre a arte e a realidade. O mundo visível confunde-se com o mundo dos projetos para ver o mundo. As coisas não “são como são”, mas também como as queremos ver, ou como as vemos. Merleau-Ponty, no seu último ensaio *L'œil et l'esprit* (1960), demora-se precisamente sobre esse “extraordinaire empiriquement, auquel on ne songe pas assez”.

Pensemos pois nesta sobreposição uma vez mais, pois só assim compreenderemos a ligação real do espaço ao tempo, “partes totais do mesmo Ser”. Susan Sontag cresce a ver as fotos e os documentários sobre a certeza invisível do Holocausto e espanta-se com a força e a fragilidade do documento: “Enquanto uma pintura ou descrição em prosa nunca podem

ser mais do que uma simples interpretação seletiva, uma fotografia pode ser encarada como uma simples transparência seletiva”. E no entanto, Susan Sontag, começa os seus ensaios sobre Fotografia, precisamente por essa ilusão da transparência, por esse fio da navalha que é a ilusão.

Torna-se assim, ainda e por todas as razões, insistentemente urgente o estudo, a denúncia, em toda a linguagem e desde logo na literária, de qualquer “ilusão referencial”. Esta expressão é já de Roland Barthes, no início dos anos oitenta do século passado, mas poderia ser de muitos outros. A relação de cada ser humano com o “seu” espaço e o “seu” tempo constituiu, desde sempre, uma das temáticas preponderantes da história da literatura, exponenciada, a partir dos séculos XIV e XV, pelas viagens que marcam a viragem da modernidade, pela própria prática e escrita de escritores “viajantes” ao longo dos séculos XVIII e XIX, e conseqüente ascensão da “literatura de viagens” à categoria de género literário. E pelo menos desde os estudos de G. Simmel, é discutível uma “filosofia da paisagem”, antes e depois de este conceito dela nos dar consciência. Mas a linguagem é, por si só, uma cosmovisão. Como chamaríamos ao que as palavras “landscape”/ “landschaps” e “paisagem”/ “paesaggio” criaram no século XVI, quando passaram a designar, na pintura flamenga e italiana, uma nova forma de compreender o território, dominado e segmentado pelo olhar? Como pensar o que não tem ainda palavra ou já deixou de a ter?

Assistimos hoje (uma vez mais) a mudanças profundas de paradigma. Decorrem desde logo da prática da viagem, cujas motivações antropológicas se alteraram com particular incidência no campo da linguagem. Mas também dos diferentes suportes da informação, já não orais, já não somente materiais. Desenham-se novas territorialidades literárias, em que se interrogam as fronteiras entre real e ficção, novas formas de abordagem do espaço literário. “Mundos” e “textos” possíveis conjeturam novos territórios a explorar para além da “letra” do texto. Um mundo de novas verosimilhanças pode ser desenhado para além da visão cartográfica eurocêntrica do mundo. Novas práticas de mobilidade suscitam novas formas de escrita e outros suportes de expressão, bem como novas formas de ler. Perspetivamos hoje a produção literária em contextos e abordagens mundiais (mas indelimitáveis), marcados pelo triunfo (mas também pelo automatismo) da

tradução. Ora mais centrado sobre o observador, ora valorizando o espaço representado através de abordagens multifocalizadas e geocentradas, o estudo da literatura demanda, presentemente, outros instrumentos operatórios para a compreensão da sua relação com o real. Releem-se textos enclausurados pela sua época ou pela especificidade da disciplina. Usados já por Bachelard ou Yi-Fu Tuan, os conceitos de "Topofilia" e "Topofobia" evidenciam hoje, num contexto transdisciplinar, os laços afetivos entre o homem e o espaço. O espaço é delimitado pelo indivíduo que o observa, por uma visão aberta ou fechada da identidade cultural, e justifica as políticas de inclusão ou exclusão do outro. Percecionar um espaço condiciona as atitudes, os valores e a linguagem dos homens que o habitam, percorrem ou imaginam. Perceber um espaço obriga pois, desde logo, ao diálogo entre a Poética, a Retórica, a Ética e a Geografia. Abre-se vasto campo às indagações de uma Geopoética que se torna necessário interrogar, no sentido de nela se destacarem as suas principais orientações teóricas e propostas metodológicas na atualidade. Quer no sentido restrito da Geopoética, divulgada por Kenneth White a partir de finais da década de 1970 para exprimir a consciência do mundo subjacente à criação poética, quer no sentido mais lato da Geocrítica, com que Westphal mais hodiernamente identifica a reflexão teórica suscitada pela literatura na atenção que esta concede ao relacionamento entre o homem e o espaço, anuncia-se um vasto campo de investigação que volta a questionar os pressupostos da referencialidade espacial e da criação literária no quadro da pós-modernidade. Espaços de fronteira, de transição, ou configurações territoriais que os novos mapeamentos dos espaços humanos proporcionam, constituem-se agora como valores fundamentais de novos horizontes: afastam-se de nós à medida que deles nos aproximamos.

Os textos aqui reunidos devem ser pois concebidos e lidos como um conjunto de propostas de movimento, ou viagem. Cada texto é, só nesse sentido, ipsocêntrico, mas recolhe do seu amor à teoria a necessidade de se observar com outros: uns centram-se mais na atividade estática de ver, outros movem-se por diversos momentos e do espaço. São ainda, retomando a expressão de Merleau Ponty, "partes totais do mesmo Ser". A "teoria" é etimologicamente um "miradouro", ponto comum abrangente de diferentes práticas. A organização dos textos por ordem alfabética, a partir do nome dos seus autores, não

hierarquiza sentidos, disciplinas ou sequer temas. O índice inicial é somente um incipiente espaço enciclopédico, que Umberto Eco valorizou de tantos modos estes tempos que mudam de paradigma: autor, título e texto, rotas que demoradamente podem (e devem) ser de novo percorridas, até para delas nos desviarmos.

O olhar percorre o espaço de leitura, enquanto a mão deixou de afagar o volume, já não em papel. Exige-se um leitor que saiba o valor da lentidão, tão valioso quanto o da rapidez. Não há no écran a indicação do tempo que levará cada percurso. Nem a direção certa ou errada. Ou a descrição demorada do local. Apenas, e basta para tudo o mais, um discutível ar de família num espaço partilhado.

Ana Paula Coutinho

Gonçalo Vilas-Boas

José Domingues de Almeida

Maria Luísa Malato

Teresa Martins de Oliveira